

Nossas crianças e a Onça

Evitar a desgraça nacional indígena depende de nós, ditos bem-intencionados

[Vera Iaconelli](#)

Folha de S. Paulo, 30.jan.2023

Micheline Verunschik retrata, em sua premiada obra, a viagem do zoólogo Johann Baptist von Spix e do botânico Carl Friedrich von Martius ao Brasil em 1817 para uma expedição científica. Na volta para a Baviera levaram na bagagem duas crianças indígenas. Um menino do povo Juri e uma menina do povo Miranha. Foram levadas para serem estudadas, catequizadas, aculturadas e expostas em feiras, como se fazia muito na época. As crianças morreram poucos meses depois de chegarem a Munique em decorrência do contato com doenças comuns de brancos.

"[O Som do Rugido da Onça](#)", ganhador do Jabuti 2022, já seria um [livro obrigatório](#) por suas qualidades histórico-literárias e por sua narrativa arrebatadora —deixe o lenço à mão. Mas ele se torna ainda mais imprescindível por nos ajudar a pensar a atual situação de nossas crianças, passados mais de 200 anos.

Verunschik deu alma à Martius e Spix, retratando o primeiro como um cientista ganancioso, ávido por glória e dinheiro, e o segundo como escrupuloso, mas fraco, incapaz de dar voz à sua contrariedade de levar as crianças.

Ambos chafurdam nas crenças de seu tempo, que incluem a certeza de que os "selvagens" precisam ser salvos pela boa religião e inseridos nos costumes europeus, estes, sim, dignos da humanidade. Tanto faz se a Europa àquela época já estivesse sob os efeitos da devastação ambiental, social e moral decorrente da Revolução Industrial, na qual mulheres e crianças trabalhavam sem descanso em fábricas insalubres para levar uma vida miserável.

Tampouco parecia importar que a religião do século 19 fosse herdeira direta das torturas e queima de infiéis nas fogueiras da Inquisição. O que importava era continuar acreditando no ideal Iluminista de racionalidade, que nos salvaria de sermos selvagens e pagãos como os indígenas brasileiros.

Levaria algumas décadas ainda para a rasteira que Freud daria no narcisismo do homem ocidental ao demonstrar que ele não é senhor em sua própria morada, sendo regido pelo determinismo inconsciente. Freud era um iluminista, mas advertiu a humanidade dos limites da razão.

Verunschik descreve o arrependimento desses dois cientistas por terem tirado duas crianças saudáveis de junto de seus familiares para assistirem impotentes a elas morrerem sob seus cuidados. A autora inclui no livro a rainha Karoline da Baviera, que, tendo perdido ela mesma uma criança, também teria sofrido com a morte dos dois indígenas. É claro que se elas tivessem sobrevivido dificilmente os sequestradores capitulariam.

Como Spix, retratado como supostamente bem-intencionado —de acordo com os valores de seu tempo—, pôde ser conivente com uma monstruosidade dessas? A resposta passa pela crença íntima e inabalável de valer mais do que o outro. O carinho pelas crianças mal disfarça a arrogância de se achar melhor do que elas. Passa também por estar de acordo com valores de seu tempo sem questioná-los.

Já do lado de Martius, temos essa arrogância acrescida de ganância e má-fé, lugar onde a maldade humana faz a festa. Passados 200 anos, estamos aí, numa repetição que não cessa,

insistência infinita em repudiar a alteridade, fingindo que há como sobrevivermos dentro dessa lógica que faz valer alguns mais do que outros.

O governador de Roraima, Antônio "Denarium" (nascido Almeida se rebatizou de "Dinheiro"), junto com seu ex-presidente e todos os que por ação e omissão promovem e prolongam a desgraça nacional, está "sob os olhos da onça". Se ela vai pular no cangote deles a tempo depende do que nós, que nos dizemos bem-intencionados, fizermos pelas nossas crianças.